

O jogo da casa vazia. Não há sujeito sem Instituição!

Autora: Fernanda Otoni de Barros-Brisset

Doutora em Ciências Humanas Sociologia e Política / UFMG. Analista Praticante / Membro da AMP-EBP. Coordenadora do PAI-PJ / TJMG. Supervisora da Rede Municipal de Saúde Mental / PBH. Professora Universitária / PUC-Minas

Endereço eletrônico: fernanda.otoni@terra.com.br

Telefone-Fax: 00 55 31 25553380

Celular: 00 55 31 99763496

Resumo: Esse artigo pretende desenvolver, através do jogo da casa vazia, a ideia de que não há sujeito sem Instituição. O sujeito como resposta à ordem simbólica de sua época não se confunde ou se reduz a ela. O que o determina é efeito de sua causa mais íntima — sua fissura intrínseca engendradora no furo dessa ordem. Isso não é outra coisa que o sujeito mesmo.

Palavras-chave: Jogo da casa vazia – ordem simbólica – sujeito.

The games of the empty house. There is no subject without Institution!

Abstract: This article intends to develop, via the game of the empty house, the idea that there is no subject without institution. The subject is a response to the symbolic order of his time, but he is not confused or reduces to this. Like effect of its cause most singular, the subject presents engendered in the hole of this order. This is nothing other than the subject himself.

Keywords: The game of the empty house – symbolic order - subject

O jogo da casa vazia. Não há sujeito sem Instituição!¹

Fernanda Otoni de Barros-Brisset

O convite para estar aqui hoje, conversando sobre esse tema, trazia uma citação de Eric Laurent:

"O discurso analítico supõe o apagamento do discurso egoico para tomar seu lugar. É isso que faz com que o psicanalista, por exemplo, nos relatos que faz dos casos, faça aparecer o saber sem sujeito. Ele faz aparecer a falha (*raté*) egoica, qualquer que seja o endereço no qual ele encontra um sujeito, seja no espaço de seu consultório ou no de uma instituição. (...) É ingênuo pensar que o sujeito que se endereça ao psicanalista no consultório estaria fora da instituição. Isso não existe, se admitimos que não há sujeito que não esteja tomado nas formações do discurso (...)" (LAURENT, 2002).²

Não há sujeito sem instituição!

Quando um sujeito procura uma instituição, não é qualquer uma. Algo de sua causa mais íntima o dirigiu até lá, guiado pelo que supõe poder encontrar por ali. A instituição é um Outro: o Outro daquele sujeito. A instituição não é a mesma para todos: cada um tem a sua.

Esse Outro que o sujeito ali supõe não existe, mas isso não desfaz o esforço na direção do que ali o causa — o objeto *a*. A falta a ser faz falar e, por efeito, demandar. A instituição não tem isso pra dar, a inconsistência do Outro está lá. Mas o sujeito, que não quer saber de nada disso, vai-se arranjando com os significantes e objetos parciais que estão em oferta; com isso procura responder ao impossível de sua causa mais íntima.

Isso quer dizer que o esforço do sujeito tem sua causa nesse *objeto 'a'*, essa necessidade de corpo que deve passar pelo significante, ou seja, passa pelo Outro, e daí passa à demanda. J-A. Miller, em seu texto **Biologia Lacaniana e Acontecimentos de Corpo** (2004), ensina que o efeito disso é levado ao cúmulo pela demanda de amor, de tal sorte que "qualquer coisa", a coisa dada pelo Outro, torna-se signo do amor do Outro.

Isso pode acontecer por um clic!, pode levar tempo, e, por aí, muitas coisas acontecem. O acaso produz outros achados e possibilidades. Eis a contingência! Por aí, a fenda estrutural do sujeito se anexa à oferta vazia do Outro e clic! O que opera na transferência joga com o vazio do eu. Por essa fenda deslizam objetos de troca, passam significantes, e alguma satisfação acontece.

Nicolas Flourey, em seu livro **Le réel insensé** (2010), introduz o pensamento de Jacques Alain-Miller. Ao explicar a teoria do sujeito em Miller, Flourey lança mão de um jogo que, em francês, se chama "*le jeu du taquin*". Esse jogo foi criado em 1870 por um matemático, Sam Loyd, para explicar a lógica das combinatórias possíveis. Todos nós já o jogamos em algum momento de nossas

vidas, e é de fato muito interessante. Mas ninguém sabe dizer o nome desse jogo no Brasil. No Mercado Central de Belo Horizonte, vende-se tal jogo, mas também lá ele não recebe um nome, sendo conhecido como mais um dos muitos quebra-cabeças existentes. Vou chamá-lo então de “*Jogo da casa vazia*”.

São 15 pequenos quadrinhos, bem encaixados dentro de um quadrado maior que é composto por 16 lugares. Cada um dos 15 quadrinhos ocupa seu lugar nesse quadrado maior, cada um tem uma casa, mas uma das casas está vazia, um lugar fica vazio, pois sempre falta um quadrado. O jogo acontece quando fazemos deslizar os quadrinhos, dentro do quadrado maior, deslocando-os em todos os lados, procurando encontrar uma ordem para sua composição. Uma forma, sentido, etc. Mas seja qual for o resultado, esse efeito só é alcançado a partir do modo como se joga com a casa vazia.

“O que nós aprendemos com esse jogo? O que o determina não é nenhum dos quinze quadrinhos em si mesmo, nem mesmo o conjunto final colocado numa boa ordem” (FLOURY, 2010, p.21). O que dá sentido ao jogo é o modo como se desloca a casa vazia, como se joga com o lugar do quadrado que não existe. Essa falta essencial o percorre e se coloca nele, determinando seu movimento, a variação das respostas possíveis frente ao impossível que esse buraco instaura. A cada vez, a resposta está em relação ao modo como se joga com o vazio.

Isso demonstra o que bem sabemos, ou seja, que toda ordem simbólica, para existir, deve excluir um elemento, ela não se fecha jamais sobre si mesma. O Outro se constitui em torno de um vazio estrutural. Posto isso, podemos afirmar que toda instituição existe a partir de uma falta. Não haveria um sistema de justiça, se a justiça existisse. “A causalidade estrutural repousa sobre uma ‘exclusão interna’” (FLOURY, 2010, p.21).

Cada instituição responde ao impossível que está em causa. Para cada um, o Outro que o concerne. Ou ainda, como dizem os jovens: “Cada um no seu quadrado”. Por essa via, estamos esclarecidos de que não existe instituição total, e todo esforço em produzi-la realiza, invariavelmente, a lógica da segregação — é o que mostra o jogo da casa vazia.

Os elementos que compõem uma estrutura podem mudar seus lugares, essas mudanças e permutações permitem aos elementos ocupar funções diferentes, compondo uma diversidade de possibilidades. A estrutura jamais se fecha em si mesma, graças à casa vazia; e, se os elementos do discurso e das engrenagens institucionais giram, é exatamente por isso.

Muda-se o governo, mas o ingovernável está lá, em algum lugar. Isso torna legítimo que certo desejo de governança se institua e produza efeitos e

feitos. *Assim caminha a humanidade* e edifica-se a ordem simbólica que convém a cada época. Mas isso mexe e isso bole. Os quadradinhos se mexem. Essa dinâmica é que faz a estrutura funcionar.

A força dessa dinâmica edifica civilizações, discursos ganham aderência e agregam rebanhos em torno de si, porém essa força também é a responsável pelo descarte, pela queda das referências e modos de vida. Por um tempo, certos significantes mestres servem a determinada ordem instituída, a certo sistema de crenças, contudo nada disso é permanente — o tempo o demonstra. Conforme se joga com o vazio, os lugares se deslocam e a moda muda. A cada época, uma nova ordem.

Esse caminho nos permite concluir que toda missão institucional é “furada”! É a lógica do não-todo. Não existe missão institucional sem o furo que a constitui. Há um “*trou*”, uma hiância, na estrutura das instituições, em seu discurso. Os acontecimentos contingentes que ali se postam mudam a ordem das coisas. A ordem simbólica se edifica em torno desse buraco infinito.

A ordem de nossa época tem sido assim: siga o manual de instruções e goze! Podemos lê-la nos planejamentos estratégicos de planos de governo e instituições do nosso tempo, sejam públicas ou privadas. O gozado é que isso falha. Esclarecidos quanto ao impossível imiscuído na promessa dos significantes mestres institucionais, conduzimos nossa prática orientada pelo sujeito, seja nos consultórios ou nas instituições.

Sabemos que o sujeito é uma resposta à ordem simbólica de sua época, mas não se confunde nem se reduz a ela. O que lhe determina é sua causa mais íntima, sua fissura essencial, que, engendrada na falha da estrutura, não é outra coisa que o sujeito mesmo. Um sujeito surge daí, de um jeito único, apoiado em sua causa singular, essa casa vazia, esse “*trou*”.

Encontraremos o sujeito como falta a ser, como o conjunto vazio, incluído e excluído do conjunto, dentro e fora. Nesse jogo com o seu Outro, o sujeito se apresenta entre significantes que se conectam entre si, se substituem uns pelos outros, se arrastam e realizam uma combinação complexa e surpreendente. Isso é contingente, não há controle. Não existe sujeito sem instituição, quer dizer, sem esse Outro com o qual joga o jogo da casa vazia.

Lembrei-me de duas vinhetas institucionais: fulano chega à instituição dizendo que recebeu uma carta do Juiz em que estava escrito que deveria apresentar-se ao PAI-PJ, uma vez por semana, durante o tempo que estivesse respondendo ao crime que cometeu. Fulano chega procurando o PAI-PJ, que o acolhe, o escuta e lhe apresenta o programa, seu funcionamento etc. Mas fulano continua procurando pelo PAI-PJ. Chega a ficar nervoso, angustiado e se sentindo

perseguido pelo serviço. "Cadê o PAI-PJ"? Estavam enganando-o. Passou a chegar ao PAI-PJ em horários diferentes, até que, um dia, ele chega bem cedinho e é recebido pelo porteiro da noite, que foi abrir o portão que ainda se encontrava fechado. Fulano diz ao porteiro: "Sua bênção, pai". Desde então, vem ao PAI-PJ, pede a bênção ao porteiro e fica sossegado por ali. A partir dessa porta aberta, um acompanhamento pode ter seu início.

Outro caso: ciclano estava trancado em casa, não aceitava ir ao CERSAM, diversas tentativas de suicídio, colocando fogo no corpo, na cabeça etc. Vários dispositivos institucionais foram tentados e nada fazia ciclano sair do lugar, jogado debaixo das cobertas, mudo, sem nenhum movimento em direção ao Outro. Indicaram um acompanhante terapêutico (AT), que, de início, foi um fracasso. O AT insistiu algumas vezes, mas não obteve nenhum movimento do sujeito em sua direção. Um dia, encontrou o paciente agitado. Ele dizia que estava com a cabeça quente e que precisava esfriar a cabeça, ele estava no inferno. O AT lhe diz que no CERSAM tinha chegado um remédio novo que esfriava a cabeça. Ciclano concorda em ir até lá. Mas, no caminho, agita-se, fala sozinho e, quando se dirige ao AT, é para dizer que a sua cabeça está pegando fogo, estava cada vez mais quente, que estavam indo para o inferno. O AT então lhe diz: "Mas você está andando do lado do sol, vamos pela sombra". Ciclano toma isso para si. Troca de calçada, passando a ir ao CERSAM pela sombra e, aos poucos, vai-se servindo de outros recursos institucionais. Recentemente, em uma supervisão de outro caso, soubemos que ciclano participava de uma oficina quando um colega começou a pregar e reclamar da perseguição do capeta à sua volta. Ciclano tomou a palavra e disse ao colega: "Ande pela sombra". Ciclano, ao se servir dos quadradinhos em oferta, enuncia a boa ordem com a qual se vira, mostrando como isso desliza e realiza uma solução singular de tratamento do Outro.

Os relatos de casos nos mostram que a instituição de cada um é essa ordem simbólica com a qual cada um se ajeita e sem a qual o sujeito não existe. Ciclano nos mostra que a enunciação excede o enunciado. A linguagem funciona como uma bateria de significantes aptos a se combinar ou a se substituir, de um a outro, para produzir os efeitos de significação.

O sujeito é esse lugar vazio que permite operar as substituições, deslizamentos, condensações, ou seja, o jogo com a linguagem. Lacan define o sujeito como o que se apresenta entre um significante e outro. Em nossa prática nas instituições, isso nos esclarece que não existe um perfil do caso que se enquadra à missão daquela instituição, nem tampouco uma receita de tratamento/acompanhamento. O sujeito não é enquadrado, não tem perfil. O

sujeito é uma resposta à ordem simbólica que concerne à sua causa, isso determina o modo como movimenta os quadradinhos do jogo, e esse jogo em nada tem a ver com a missão institucional. As instituições são recursos simbólicos da civilização, com os quais o sujeito se vira para tratar a sua dor de existir.

Não há sujeito sem satisfação!

É no discurso que o sujeito se vira, entretanto é preciso esclarecer que esse jogo não se resolve somente no nível do significante. Essa estrutura discursiva serve à outra coisa, e, quando os elementos em jogo no discurso se mexem, isso produz “qualquer coisa”, “coisica” de nada.

A casa vazia que agencia a relação do sujeito ao Outro, esse objeto perdido, é causa da falta a ser de cada sujeito,

“tem início com uma necessidade, quer dizer, com uma função do corpo, com a sensação de um déficit ou falta, em relação aos algoritmos do vivo. E, então, a demanda se introduz. (...) Lacan depois acrescenta a causa, *o pequeno a*, como elemento corporal” (MILLER, 2004, p.67).

O que isso quer dizer? Se não existe sujeito sem o Outro, se não há sujeito sem instituição, é porque não há sujeito sem satisfação. Vamos dizer que o que dá corpo à conexão do sujeito ao Outro é a causa singular do sujeito, e isso não fala a ninguém. Isso fala sozinho, numa perspectiva de pura satisfação pulsional, bem antes de qualquer perspectiva comunicacional. Ou seja, o gozo faz parte desse jogo.

Esse impossível de dizer é o que faz com que o modo como cada sujeito se dirige à instituição seja único, sem par, indizível. Isso joga com a casa vazia. Desse modo, toda instituição é inadequada para o sujeito, a morada do sujeito está vazia, e é nessa falha que cada um encontra seu modo de alojar e encontrar, como cabe ao *sinthoma* de cada um, um pouco de satisfação.

Podemos também considerar que, quando um sujeito se dirige a uma instituição, ou mesmo é convocado por ela, esse “jogo da casa vazia” entra em movimento, aliás isso não cessa. As instituições manejam seus protocolos e seus manuais de instruções, mas é nas brechas, nas beiradas, nas falhas disso, que o sujeito aparece e reinventa uma instituição ao seu modo.

Nenhuma instituição é feita sob medida para o sujeito, nenhum axioma o captura. Sua ex-sistência é fora das medidas, das regras, da lei; como falta a ser, serve-se das ofertas do dia em destaque, das tabuletas da sua Instituição, ou mesmo das notas que caem, minúsculas, no rodapé do texto institucional. O sujeito, por ai, dentro e fora, gravita em torno dessa “qualquer coisa”, para

sossegar o desarranjo do corpo vivo que não cessa de reclamar o pedaço que lhe falta.

“São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito” (MILLER, 2009). Sabemos que são os acontecimentos que marcam a ferro os nossos destinos. Por essas veredas, as instituições, por ali e acolá, constituem a ordem simbólica desses dias, e são os acasos que acionam o liga/desliga desse grande Outro. Por aí, joga-se o jogo do “perde e ganha”, de acordo os objetos de troca disponíveis. O sujeito, o *sinthoma*, é uma resposta às contingências, sem porquê.

Se algum acontecimento ou contingência trouxer até o nosso encontro, a um analista praticante nas instituições ou consultório, um sujeito com seu *sinthoma* singular, com seu desarranjo de corpo, é preciso lembrar que o que está em jogo já está sendo jogado. Os quadradinhos estão em movimento, e o analista praticante, enquanto semblante de objeto, mesmo nas instituições, encontrar-se-á como peça solta nesse tabuleiro, orientado quanto ao movimento do jogo, atento aos lugares e funções dos objetos postos em relação uns aos outros pelo sujeito. E, mais ainda, cuida para que os recursos institucionais estejam à sua disposição.

Cada sujeito tem seu Outro. A instituição não é a mesma para cada um. Isso explica por que, para um sujeito, o fato de ser acompanhado por um funcionário, do térreo até o 22º andar, o faz dizer:

“Aqui as coisas agora estão como devem ser. Achei muito bom ter alguém para receber a gente desde a recepção até a sala de atendimento. Temos o direito de receber o mesmo tratamento que as autoridades.”

Porém, outro sujeito, outro recado: “Não vou vir aqui se esse moço ficar me seguindo. Sou um cidadão de direitos, minha liberdade está em poder ir e vir.”

Isso acontece no PAI-PJ, que, como sabem, é uma instituição ligada ao discurso dos direitos. Isso produz efeitos. Cada sujeito que para ali se dirige vai nos mostrando em que lugar encontra as peças com as quais joga com esse Outro. Um analista, na instituição, se serve é desses detalhes do sujeito, para orientar-se na sua prática frente ao real de sua experiência.

Não há analistas nas instituições sem sujeito!

O sujeito é o guia que orienta o analista a desembaraçar o embrulho dos protocolos institucionais, caso a caso. Em cada um, um sujeito e uma única solução. Os protocolos são os mesmos, está aí a marca do universal, para todos. E cada sujeito nos ensina o seu jeito de se servir desse universal, de um modo bem particular, estamos atentos ao fato de que “qualquer coisa” aí está em

posição de servir à sua causa mais íntima. Não recuar diante do endereçamento singular do sujeito à Instituição, frente a uma demanda que não entrega a causa que o engendra, isso diz do desejo do analista nas instituições.

As instituições surgem como efeito dos ideais de uma época, mas nós — analistas praticantes — sabemos que elas servem, ainda mais, para recolher os dejetos que caem desse ideal. O que ali se faz, no seu dia-a-dia, é um trabalho de acompanhamento dos sujeitos que endereçam à instituição seu esforço de lidar com o que em si não responde aos ideais civilizatórios, mas que, mesmo assim, goza.

Ao acolher, um por um, abrimos a porta para dar lugar a um impossível de dizer, de curar, de controlar, que não se encerra nos ideais simbólicos de nossa época. Sejam claros: o analista não está numa instituição para fazê-la funcionar, mas para abrir as portas para o sujeito ali depositar seus dejetos e, talvez, se apegar a alguma “titica de nada” que achar por ali. Acompanhar o sujeito em seus arranjos com os restos que carrega frente a esse desalojamento do Outro é o destino que anima um analista. “Sobras e restos nos interessam.”

O sujeito se dirige às instituições, causado pelo que, em si, não há. A promessa do Outro, ainda que furada e somente por isso mesmo, pode, quisá — “a torto e a direito” — deixar escapar “qualquer coisa” que venha a calhar como objeto de troca frente à “impossível promessa” que não existe.

O que pode o psicanalista nas instituições? Orientados em relação ao real de sua experiência — seja como gestor ou analista praticante — sua relação com a experiência analítica, como analisante, o habilita a dar lugar a essa fenda entre o discurso do amo e a causa singular do sujeito.

Contudo, isso não é evidente! Se os efeitos da experiência com a causa analítica se manifestam, pela surpresa de um encontro, sabemos que, ao contrário, o funcionamento habitual das instituições existe para se proteger das surpresas — ali se empurra a rotina, funcionam os protocolos de ação e a abstenção subjetiva (não é caso, não tem perfil, não está implicado, não se responsabiliza, não tem jeito). A burocracia encantada pelo saber sem sujeito dos protocolos vive do esforço para disciplinar e fazer com que seus casos sigam as regras e façam parte do conjunto.

Não obstante, o sujeito demonstra que sua disciplina o desloca do conjunto, “escapa entre os dedos” e nos deixa saber que, para toda regra, há uma exceção. Porém isso não o exclui, ao contrário, é condição de sua existência. Não devemos então renunciar a nenhuma de nossas ambições de sustentar nossa prática, como analista praticante nas instituições, com a condição de não ignorar as exigências da pragmática analítica, a saber, não há analista na

instituição sem o sujeito. Por essas veredas, testemunhamos a possibilidade, como indicou Lacan, de a psicanálise operar como um pulmão artificial frente à rigidez dos imperativos dos discursos institucionais — ao se servir das brechas para provocar o deslocamento necessário dos significantes mestres em vigor.

“Como fazer valer a fenda que nos estrutura, como produzir um saber sem sujeito, seja em sua prática liberal, de consultório, onde os efeitos da civilização dominada pela terapêutica se fazem cada vez mais presentes, seja dentro das instituições constituídas por suas regras e demandas superegoicas?” Jogando o “o jogo da casa vazia”! Segure na mão do sujeito e vai!

Referências bibliográficas:

LAURENT, E. “Acte et institution”, **La Lettre Mensuelle**, École de la Cause Freudienne, n.211, sept. 2002, p.25-29. (Tradução publicada em *Almanaque On-line*, ano 5, nº 8, jan-jun. 2011. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/almanaque.htm>).

MILLER, J.-A. “Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo”, **Opção Lacaniana**, São Paulo: Eólia, n.41, p.7-67, dez.2004.

MILLER, J.-A. “São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito”, **Opção Lacaniana**, São Paulo: Eólia, n.55, nov.2009.

FLOURY, N. **Le réel insensé**. Paris: Germina, 2010.

¹ Texto apresentado na 5ª Conversação da Seção Clínica do IPSM-MG, ocorrida em 2 de abril de 2011.

² Texto publicado nesta mesma edição de *Almanaque On-line*, na rubrica *Trilhamento*.